

Mercurius e seu culto em território olisiponense

CÉZER SANTOS*

RESUMO

O presente artigo trata duas questões que se prendem com o conhecimento do culto de Mercúrio em território olisiponense. Partindo de um estudo interpretativo de uma singular estatueta de bronze que representa esta divindade – encontrada em contexto de escavação de uma eventual *villa* romana localizada junto a um esteiro do Tejo no Seixal –, inclui depois uma revisão interpretativa do conjunto epigráfico regional dedicado a *Mercurius*. O estudo comparativo destes dois aspectos possibilitará assim um melhor entendimento de como se processava este culto e, sobretudo, qual seria o seu reflexo sociocultural em *Olisipo*.

Palavras-chave: Mercúrio – iconografia – epigrafia latina – religião

ABSTRACT

This article deals with two issues that relate to the understanding of Mercury's cult in Olisipo's territory. Starting with an interpretative study of an uncommon bronze statuette representing this divinity – which was found at an excavation of a probable Roman villa located next to a Tagus inlet, at Seixal – it includes a subsequent interpretative review of the regional epigraphical assemblage dedicated to *Mercurius*. The comparative study of these two matters will therefore enable a better understanding of how this cult was developed and, above all, its sociocultural influence on *Olisipo*.

Key words: Mercury – iconography – Latin epigraphy – religion.

* E-mail: cezer.santos@gmail.com

1. DESCRIÇÃO DETALHADA DA ESTATUETA DE MERCÚRIO

A estatueta de Mercúrio que aqui descrevemos é composta por duas ligas de cobre distintas, em bronze para o corpo – Pb 54%, Cu 31%, Sn16% – e latão para o objecto que exhibe lateralmente – Cu 85%, Zn 4%, Pb11% (Fragoso, 2006, p. 22 e 23). A imagem foi fundida num molde de duas partes e em posição vertical. Apresenta camadas diferentes de produtos de corrosão e vestígios de exposição prolongada ao fogo (Fragoso, 2006, p. 77). As dimensões da estatueta são as seguintes: altura máx. 73mm; altura só da figura 66mm; largura máx. 33mm; espessura 19mm; comprimento do objecto em latão 60mm; peso total 46,1gr.

Esta representação da divindade tutelar dos mercadores e dos viajantes aparece-nos sob a forma de um jovem adulto imberbe, nu e de pé. O corpo apoia-se sobre a perna direita, que se encontra estendida. A perna esquerda está ligeiramente flectida e afastada, como que denunciando movimento, conferindo uma aparência bamboleante à anca. Esta posição imprime-lhe uma curvatura na zona pélvica, considerada característica do cânone de Praxíteles (Pinto, 2002, p. 137). Ostenta uma amputação em ambas as pernas a partir dos tornozelos, tendo-se perdido, assim, toda a zona dos pés e, possivelmente, das *endromidas* ou *alipes talaris* (asas das sandálias).

O torso é anatomicamente proporcionado e com musculatura realista e atlética. A prega inguinal é proeminente e bem delineada, assim como os músculos abdominais e peitorais. O umbigo aparece igualmente bem representado. Veste apenas uma *chlamyde* (manto), presa sobre o ombro direito, ocultando a parte superior esquerda do torso e descaindo suavemente, tapando-lhe o mamilo esquerdo. As costas apresentam, também, uma anatomia bem cuidada, com o sulco sinusoidal profundo e nádegas bem definidas. A *chlamyde* cobre a parte

superior esquerda das costas, descaindo sobre o braço e entrelaçando-se sobre o antebraço, ficando pendurada e afastada das pernas.

Segura no braço esquerdo o *caduceus*, que se encosta ao ombro, *caduceus* com um par de *alipes* (asas) na haste e com duas serpentes entrelaçadas e afrontadas no topo. No braço direito segura um objecto que aparenta ser um remo – trata-se do referido acrescento lateral em latão. Este encontra-se com a haste «colada» ao coto do cotovelo, derivado de uma amputação, acidental ou intencional, a partir da qual o antebraço e a mão se encontram ausentes. A parte que se pode designar como a «pá do remo» está encostada à coxa da perna direita. Devemos destacar que este objecto é produzido em latão, liga metálica diferente da utilizada na restante peça (Fragoso, 2006, p. 77), o que, originalmente, criaria um contraste de cores evidente entre a figura de Mercúrio e o «remo». Este é composto por uma longa haste, cuja extremidade superior é pontiaguda, devido, talvez, a uma fractura; no ponto onde a haste se encontra com o braço é mais espessada, com uma forma aproximadamente losangular, provavelmente para aumentar a zona de soldagem. A haste na extremidade inferior alarga-se gradualmente, até adquirir uma forma achatada e rectangular, cerca de $\frac{1}{4}$ do comprimento total do objecto.

A figura apresenta a cabeça ligeiramente voltada para a direita, encimada por um *petasus alatus* (chapéu com asas) semi-esférico, de aba pequena. A nascer a partir desta orla surgem duas pequenas asas muito estilizadas, com forma relativamente semi-circular. Entre estas existe uma pluma estilizada, de contorno sub-rectangular e com um sulco central. Esta pluma central no *petasus alatus* é uma característica da iconografia de Mercúrio de cariz egípcio (Boucher, 1976, p. 110).

O rosto da divindade exhibe uma configuração ovalada e, apesar de algum desgaste na região facial, é possível distinguir os olhos – que apresentam um formato aproximadamente circular –, vestígios da boca e do nariz. Notam-se, também, os cabelos que caem sob o *petasus* em pequenas mechas encaracoladas, expondo ambas orelhas.



Fig. 1 – Estatueta de Mercúrio vista de frente e de costas.

2. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Esta estatueta foi encontrada em 2003, durante uma intervenção arqueológica de emergência promovida pelo Serviço de Arqueologia do Ecomuseu Municipal do Seixal, na sequência do acompanhamento da abertura de uma vala de saneamento básico que estabelece ligação com a nova urbanização de São João (Arrentela). Junto da calçada da Boa-Hora e das ruínas do edifício da quinta vizinha, a Quinta da Laranjeira, efectuou-se uma sondagem onde se detectaram vestígios de época romana. Estes, provavelmente, correspondiam a um grande complexo rural, uma *villa*, de características agrícolas, piscatórias e, eventualmente, também dedicada a actividades mercantis, beneficiando quer de excelentes condições de comunicação – nomeadamente a sua localização privilegiada perto da baía, a qual possui directa ligação com o Rio Tejo –, quer da proximidade à grande *urbs* de *Olisipo*, de reconhecida importância económica na província da Lusitânia e, mesmo, no Império. Segundo os dados até agora obtidos, esta eventual *villa* terá funcionado durante um longo período de tempo, com hipotético início em meados do século I d.C. ou na segunda metade da mesma centúria; o seu abandono teria ocorrido durante a segunda metade do século V d.C. ou mesmo em época posterior.

Deve destacar-se o espólio recolhido. Para além da abundante quantidade de fragmentos de cerâmica utilitária, de uso comum, salientam-se as cerâmicas finas de importação, como as *terra sigillata*. E, ainda, os numismas e outros objectos metálicos, como uma possível pulseira e um anel com a representação de uma palma. De entre os vidros destaca-se uma candeia cónica de espessura muito fina e ricamente decorada, aparentemente rara no actual território português, com

paralelo atestado no extremo oriental do Império. Contrastando com o restante material, identificaram-se também alguns modestos – mas não menos importantes – artefactos que testemunham uma das actividades económicas mais significativas deste complexo: agulhas para rede de pesca e pesos de rede.

A estatueta de Mercúrio, que veio enriquecer esta colecção, encontrava-se no interior de uma fossa que corta um espesso nível de carvões, talvez de um incêndio, datado por C14 entre 1730 ± 40 anos BP, o que corresponde, cali-



Fig. 2 – Localização da «*villa*» romana da Quinta de São João / Quinta da Laranjeira (Arrentela, Seixal) e seu contexto regional.

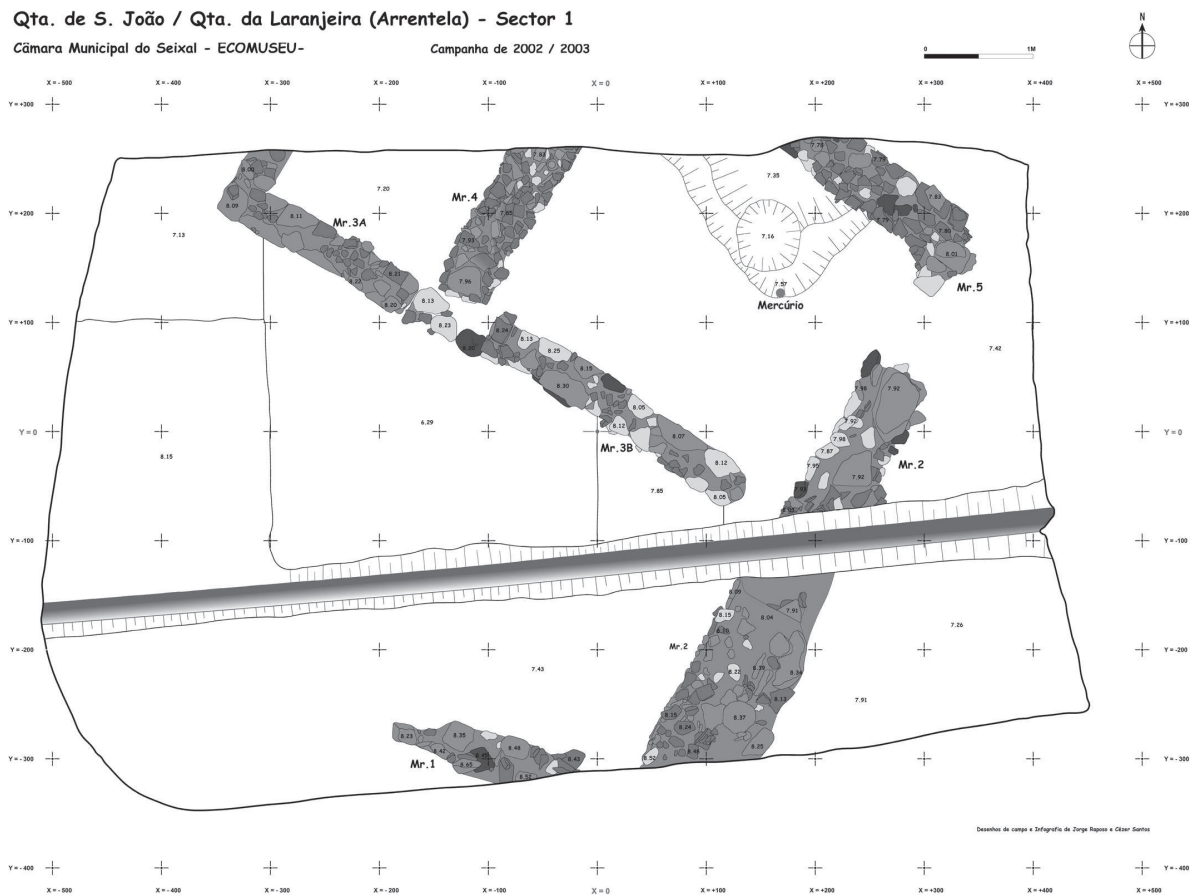


Fig. 3 – Planta da área escavada e localização da fossa e da posição onde foi encontrada a estatueta de Mercúrio.

brado a 2σ e em data de calendário, a 224-412 cal AD. O conjunto artefactual aqui encontrado permite afinar esta cronologia para meados do século III a inícios do século IV d.C. Esta camada de carvões e fossa encontravam-se por sua vez seladas pelo derrube de uma parede de adobe (Raposo, 2007, pp. 12-14).

A mancha identificável desta estrutura negativa surge, sensivelmente, à cota 7,65m, com uma forma regular que nasce perpendicularmente ao muro 5 no sentido Sudoeste; à distância de cerca 1m o limite externo identificável da fossa passa a assumir a orientação Noroeste, ficando, agora, paralelo ao muro 5 até ao limite da escavação. A sua secção apresenta faces com uma inclinação de cerca 55° , culminando num fundo plano à cota de 7,20m e de planta sub-circular com cerca de 60cm de diâmetro. A estatueta localizava-se na extremidade mais a Sul desta fossa, à cota 7,57m.

O recheio da fossa compõe-se, além do Mercúrio, pelo seguinte espólio: um numisma – *Antoninianus* de Cláudio II (268-270 d.C.) e um conjunto de *sigillatas* africanas – clara C, uma delas da forma Hayes 45A (230/40-320 d.C.) –, que remetem a cronologia para as últimas décadas do século III d.C.; fragmentos de



Fig. 4 – Aspecto geral do compartimento onde se encontrava a fossa (mancha circular mais escura).

cerâmica comum; vidros; ferros (pregos); e quatro fragmentos de osso de ovicaprideo – sendo dois deles de mandíbula e, outros, ossos longos. Com a exceção da estatueta nenhum dos restantes componentes do espólio apresentava vestígios de carbonização, inclusivamente os ossos, apesar do sedimento que enchia este covacho ser composto maioritariamente por carvões. Há, contudo, indícios de que a fossa terá ficado aberta apenas durante um período de tempo bastante curto, sendo escavada e posteriormente selada num intervalo de poucos dias ou mesmo horas. Durante a escavação notou-se que o sedimento de enchimento da fossa era semelhante ao do

nível de carvões, sendo numa fase inicial muito difícil distinguir os seus verdadeiros contornos – a não ser pela textura e, até certo ponto, a coloração. Verifica-se também a colagem de alguns fragmentos cerâmicos do interior da fossa com outros da camada de carvões, e por último a cronologia do material é análoga – a *sigillata* africana com forma Hayes 45A está presente tanto dentro como fora da fossa. Estes factos consubstanciam uma rápida formação deste contexto, sobretudo o facto de o enchimento ser o mesmo desde o topo até ao fundo e igual à camada de carvões, apenas com alguma mistura do sedimento que se encontra por baixo. É possível que esta cova aponte para um contexto de lixeira, embora de um uso temporal bastante conciso. No entanto, não podemos por de parte que se trate de algum tipo de rito de fundação ou de abandono deste edifício.

No território hoje português são conhecidos alguns rituais mágico-religiosos aparentemente de cariz fundacional ou de abandono. No entanto, os paralelos identificados apresentam características que não são equiparáveis a este caso, evidenciando-se sobretudo na oferta ritual de aves – galináceos – que são «apriacionados» em recipientes cerâmicos com a boca voltada para baixo (Alarcão, 1974, p. 104 e 105; Cardoso, 2002; Barata, 1999), claramente dirigidas às entidades infernais que tutelavam o local. No nosso caso temos uma fossa que é aberta, sensivelmente, à cota do nível de pavimento até uma cota inferior à base das fundações do muro 5, cujas eventuais oferendas, se for este o cenário, serão apenas a estatueta de Mercúrio e, talvez, a moeda – apesar de aparecer mais espólio no seu interior que, como já vimos, não terá nada a ver com este possível ritual fazendo

antes parte do sedimento onde foi aberta a cova e posteriormente depositados durante o seu enchimento (com excepção, talvez, dos ossos, que têm um aspecto «limpo», sem manchas de carvão ou carbonizados). A estatueta, como já se disse, foi sujeita a fogo, mas não sabemos se o foi durante o incêndio que originou este grande depósito de carvões ou se o terá sido durante algum ritual simbólico.

O problema que aqui se levanta tem a ver com a dificuldade de reconhecer se este contexto tem um objectivo votivo ou se apenas se trata de um mero depósito de desperdício. Parece-nos particularmente estranho que se suprimam objectos de excepção como a estatueta de Mercúrio, quer pela matéria-prima em que é feito quer pelo valor simbólico inerente, sobretudo quando se verifica a modificação que esta figura sofreu, como a inclusão de um novo atributo. Não se trata de um artefacto vulgar do uso diário sujeito a perdas ocasionais, mas de um objecto religioso que se deve conservar com cuidado. A presença desta peça naquele contexto é um forte indicador de um qualquer acto ritual. Porém, não se poderá descartar totalmente a hipótese de ser um objecto «destruído» e enterrado, neste contexto histórico, por pessoas já profundamente cristianizadas que, deste modo, eliminam uma divindade pagã.

3. GÉNESE E ATRIBUTOS DE MERCÚRIO

O teónimo *Mercurius* tem origem etimológica nos vocábulos latinos *merx* e *mercor*, que significam «mercadoria» e «comerciar». Supõe-se que terá surgido no mundo etrusco, devido à origem do radical *merc-* (Combet-Farnoux, 1981, p. 464). Tratava-se, primitivamente, de uma divindade que tutelava, em primeiro plano, questões relacionadas com as actividades mercantis. Só tardiamente, sob a influência da cultura helenística, é que Mercúrio terá sido sincretizado com o Hermes grego, devido às semelhanças funcionais de ambos, adoptando os atributos iconográficos e biográficos do deus helénico. Mercúrio, com esta «fusão», torna-se numa das divindades mais polivalentes do panteão romano, adquirindo diversas funções: patrono dos mercadores, viajantes, ladrões, da eloquência, mensageiro dos deuses, guarda das estradas e cruzamentos e condutor das almas dos defuntos ao reino dos mortos. No entanto, manteve sempre como atributo principal, no mundo romano, a protecção do comércio e dos viajantes.

A iconografia tradicional de Mercúrio representa-o como homem jovem desnudo e atlético, vestindo apenas manto (*chlamyde*), chapéu alado (*petasus alatus*) e sandálias, também aladas (*endromidas*). Segura na mão direita uma bolsa de moedas que representa o comércio e o lucro (*marsupium*), e no braço esquerdo um caduceu, símbolo da prosperidade, da *Felicitas*. Contudo, não é infrequente aparecer representado sob outras formas iconográficas, de acordo com a função específica atribuída.

Mercúrio é considerado uma das divindades mais populares no mundo romano, sobretudo nas províncias, sendo cultuado por diversos tipos de gente, havendo consagrações desde as de cariz privado até às públicas e oficiais, todas elas perfeitamente atestadas através da epigrafia. Em Roma era-lhe dedicado um dia – *Mercuralia* – no qual se comemorava a abertura da época comercial, o início das navegações com o fim do Inverno, e se abençoavam os comerciantes e as embarcações. Durante o Império, Mercúrio aparece frequentemente ligado ao Culto Imperial, evidenciando o epíteto de *Augustus*. Contudo, esta designação nem sempre é directamente sinónima de Culto Imperial, podendo tratar-se apenas de um designativo próprio do léxico religioso, ora bastante vulgarizado e através do qual se pretenderá, antes do mais, evidenciar o carácter intrinsecamente sagrado e santo da divindade.

4. CULTO DE MERCÚRIO EM OLISIPO

A presença de Mercúrio na epigrafia olisiponense está bem representada¹. Trata-se da maior concentração de inscrições dedicada a esta divindade na Península Ibérica, apesar do conjunto não ultrapassar três monumentos (Baratta, 2001, p. 55). No entanto estes, por estarem fragmentados e/ou desaparecidos, apresentam alguns problemas de interpretação.

1. CIL II 181 = Silva, 1944, N.º 78 = Baratta, 2001, L11 Pt

Trata-se de um monumento perdido, que coloca problemas de leitura na linha três e, conseqüentemente, de interpretação nessa mesma linha e na seguinte.

Damos aqui a leitura de Rodrigo da Cunha (1642, fl. 9/10), autor que o observou há mais tempo e que assim conseguiu registar o maior número de letras ou dos seus vestígios:

Mercurio . Aug(usto) /sacrum / C(aius) . Iulius C . IVLII . III . / Augustalis . d(ono) . d(edit).

Baratta (2001, p. 55) interpreta a controversa linha três como *C(aius) Iulius C(aii) Iulii fil(ius)*, entendendo pois *Augustalis* como *cognomen*.

Kajanto (1982, p. 220 e 318) regista 162 casos deste *cognomen* na epigrafia do Império, 13 dos quais claramente atribuídos a indivíduos escravos ou libertos. Já na Península Ibérica Abascal Palazón (1994, p. 292) referencia apenas 4 exemplares, três dos quais de Tarragona e o restante de Astorga – sendo que este último se identifica explicitamente como *servus*. O *Atlas Antroponímico de la Lusi-*

¹ Num trabalho recentemente publicado, António Pinto (2007, p.567, fig. 3) põe a hipótese embora de forma interrogativa de uma estatueta de Mercúrio sentado porvir de Lisboa. Se tal se vier a confirmar, teremos nesta figura mais um testemunho do culto de *Mercurius* em *Olisipo*, agora tal como no caso de Arrentela de cariz torêutico.

tania Romana, apesar de posterior à monografia de Baratta, não indica nenhum caso – nem mesmo a referida epígrafe olisiponense.

Ainda seguindo a estrutura interpretativa geral defendida por Baratta – e fazendo aliás eco das respectivas dúvidas e conjecturas –, não nos pareceria inadequada, muito pelo contrário, esta outra reconstituição da linha 3: *C(aius) Iulius C(aii) Iulii lib(ertus)*.

Porém, Hübner – e, na sequência, Vieira da Silva, – considera *augustalis* como uma evidente designação do cargo de augustal, supondo no confuso final da linha 3 o *cognomen* de *C. Iulius*, precedido ou não das siglas *C(aii) l(ibertus)* conforme se interpretem os referidos traços. E Étienne (1958, p. 252 – N.º 4), embora considere uma reconstituição da linha 3 idêntica àquela que sugerimos no parágrafo anterior, não deixa, no entanto, de ver em *augustalis* um cargo, e não um antropónimo, preferindo assim aceitar um augustal apenas nomeado através dos respectivos *praenomen*, gentílico, indicação de patrono e condição de liberto – ou seja, sem *cognomen*.

Étienne faz esta interpretação por achar estranhos os antropónimos sugeridos por Hübner como o eventual *cognomen*, *Venerius* ou *Catullinus*, o primeiro dos quais não atestado na sua forma masculina na Península Ibérica – Kajanto (1982, p. 214), para todo o Império, apenas encontrou com este nome 30 homens contra 288 mulheres – e, o segundo, registado tão só uma ou duas vezes (Abascal Palazón, 1994, p. 320).

É na verdade difícil reconstituir a partir dos controversos traços do final da linha 3 um *cognomen* credível, apesar de considerarmos que deverá ser essa a melhor solução – isto é, supormos na linha 3 uma composição trianomial seguida, na linha 4, pela menção do cargo *augustalis*. Pelo nosso lado, e com base nas letras e traços conservados na antiga leitura de Rodrigo da Cunha, arriscamos – como mera hipótese – a propor o *cognomen* *Civili[s]* seguido da menção de *lib(ertus)*. Porém, *Civilis* não se encontra até agora atestado na epigrafia da Hispânia romana e, em todo o Império, Kajanto (1982², p. 314) documenta-o apenas 16 vezes, incluindo-o na lista dos *cognomina* pretensamente indicadores de cidadania e de nascimento livre. Não podemos, no entanto, esquecer que o nome de que deriva *Civilis*, ou seja *Civis*, encontra-se registado duas vezes no Município Olisiponense (A. A. L. R., p. 144) e aí qualifica, num dos casos, o único indivíduo sem filiação num epitáfio de três personagens (CIL II 268) e, no outro, um homem igualmente sem filiação que compartilha o túmulo da irmã – também sem filiação – e de uma mulher de outra *gens*, essa sim com filiação expressa (CIL II 299). Parece pois que, no Município Olisiponense, *Civis* podia servir de *cognomen* a personagens cuja cidadania não é clara nem evidente, o que até certo ponto legitimaria a nossa hipótese de reconstituir através do derivado *Civilis* o *cognomen* deste augustal cultuante de *Mercurius Augustus*.

2. CIL II 180 = Silva, 1984, N.º 27 = Baratta, 2001, L12 Pt

Esta epígrafe chegou aos nossos dias, embora se encontre muito desgastada e verticalmente truncada, tendo-se perdido as letras finais de todas as linhas.

A leitura e reconstituição geralmente aceita baseia-se na interpretação de Hübner, por vezes com alguns acertos no que se refere aos espaços e formas abreviadas.

Mercur[io p(ro) s(alute)] / Caesa[ris] / August[i] / C[aius] Iulius Ph[---] / permissu dec[urion(um)] / dedit [ded(icavit)]

A presente reconstituição parte do princípio de que a parte truncada é ainda assim bastante larga, como faria pressupor a fórmula quase por extenso patente na linha 5, *permissu dec[urion(um)]*. Deste modo, constatamos que a razão do voto, «pela saúde», não se encontra explícita no texto conservado mas que apenas é deduzida por Hübner para preencher o espaço que supõe ter existido no final da linha 1. Mas já Vieira da Silva nota que tal reconstituição é apenas passível recorrendo às abreviaturas *p(ro) s(alute)*.

Podemos porém questionarmo-nos se faltaria assim tanta pedra ao monumento, ou se no final da linha 1 não teríamos apenas, por exemplo, o epíteto *Aug(usto)*, reconstruindo-a pois *Mercurio [Aug(usto)]*. Étienne (1949, p. 193) opta por uma versão mais «reduzida», supondo que a primeira linha contaria apenas *Mercur[io]* – o que implicaria que a segunda palavra da fórmula da linha 5 estivesse mais abreviada: *dec[ur(ionum)]*.

Quanto ao *cognomen* do dedicante, o espaço disponível e o confronto com as realidades onomásticas hispânicas e lusitanas permitiriam-nos supor – conforme aceitemos a versão «extensa» ou «reduzida» da truncagem do monumento – nomes como: *Phaius, Philemo, Philinus, Philocalus* (este patente em *Olisipo, CIL II 239*), *Philodamus, Philogenes* (também presente em *Olisipo, CIL II 232*), *Philomusus, Philon, Phoebus*, etc. (A. A. L. R., pp. 261-262).

Provavelmente o dedicante era de origem servil, mas já teria o estatuto de liberto na altura em que se produziu esta epígrafe. Esta observação justifica-se pelo facto das primeiras letras do seu *cognomen*, *Ph[---]*, sugerirem fortemente um nome de cariz grecizante, característica tão comum no mundo servil.

Voltando à primeira linha, cremos ser mais provável a reconstituição que sugerimos, *Mercur[io Aug(usto)]* – que aliás tem paralelo na epígrafe N.º 1 –, interpretando assim o início da inscrição como «A Mercúrio Augusto (em favor) de César Augusto».

3. Silva, 1944, N.º 2 = Baratta, 2001, L 13 Pt

Mercurio / [C]ohortali / sacr[um] / ++++++ / [---]

A linha 4 possui vestígios de sete letras, talvez referentes ao(s) antropónimo(s) do dedicante – como comumente tem sido interpretado. Não queremos no

entanto adiantar – ou aceitar – qualquer hipótese, pois na verdade os referidos traços têm, até agora, resistido a qualquer interpretação clara ou verosímil.

O epíteto da divindade que se encontra nesta inscrição é tradicionalmente relacionado com o mundo militar, podendo sugerir a presença de uma coorte de uma legião em *Olisipo*. No entanto, cremos que tal interpretação deste epíteto não se enquadra claramente na personalidade funcional de Mercúrio, que fundamentalmente protege as viagens de cariz mercantil, pelo que nos parece preferível interpretar aquele epíteto num contexto civil, relacionado com o mundo do negócio e das viagens, associando *Cohortalis* aos armazéns da administração (Mantas, 2002, p. 160) ou, mesmo, a estabelecimentos navais.

O culto de Mercúrio em *Olisipo*, e também nas cidades portuárias da Península Ibérica, parece estar a maior parte das vezes relacionado com o Culto Imperial, não só de forma explícita (como no nosso caso N.º 2) mas ainda porque grande percentagem dos cultuantes de Mercúrio são libertos e pertencem frequentemente a um colégio augustal, como podemos constatar através da obra de Giulia Baratta (2001). De facto faz sentido que neste contexto cultural se evidenciem os libertos, os quais tão frequentemente desempenham actividades no sector económico e comercial do mundo romano².

O Mercúrio de São João da Arrentela enquadra-se aparentemente nesta derradeira perspectiva, associado a uma possível *villa* com características flúvio-marítimas, onde arqueologicamente se comprova uma forte componente comercial com todo o mundo mediterrânico. Poderá considerar-se como espaço de armazéns – *horrea* – o local onde se praticou o enterramento de Mercúrio?

5. MERCÚRIO COM ATRIBUTOS DE FORTUNA

Este Mercúrio é representado de acordo com a iconografia tradicional. Contudo, substituindo na mão direita o tradicional *marsupium* (bolsa das moedas), foi-lhe adaptado um objecto que, devido à sua configuração, interpretamos como sendo um remo. Este encontra-se soldado ao coto do antebraço, aparentemente amputado de forma intencional para facilitar a sua «ancoragem» e, eventualmente, para reforçar o seu significado em detrimento do atributo original; porém, a amputação do braço pode também ter tido origem accidental, e ser depois aproveitado este espaço para a referida finalidade.

Seja como for, a inclusão deste objecto pretende, de alguma forma, acrescentar o significado funcional do simbolismo iconográfico tradicional desta divindade. O que significa o remo? Que pretende transmitir Mercúrio segurando num remo?

² O estudo das epígrafes Olisiponenses dedicadas a Mercúrio contou com a orientação de Cardim Ribeiro nos aspectos técnicos e interpretativos.

Em vários documentos, como moedas e epígrafes, observa-se a existência de uma ligação frequente entre Fortuna – o destino propiciável – e Mercúrio (Combet-Farnoux, 1980, p. 429). A Fortuna aparece em algumas situações segurando um leme/remo cuja haste termina em caduceu – adoptando, deste modo, o símbolo da prosperidade, elemento iconográfico sempre presente em Mercúrio (Combet-Farnoux, 1980, p. 426).

Entre os deuses é frequente haver empréstimos de atributos entre si, fazendo com que determinada divindade ganhe «capacidades» extras, cumprindo assim um objectivo muito específico ao reforçar e/ou direccionar alguma característica concreta da personalidade da divindade em questão.

Adicionando a evidente relação complementar existente entre a deusa Fortuna e Mercúrio e o contexto económico evidenciado pelos vestígios arqueológicos do local onde o nosso exemplar foi recolhido, estabelecemos algumas bases para avançar com uma interpretação da mensagem transmitida por esta figura.

Fortuna é a divindade que personifica a sorte, boa ou má, tendo tradicionalmente adquirido uma conotação positiva devido ao facto de não representar uma acção determinista no destino do Homem, permitindo antes que cada um interfira através dos seus actos e práticas rituais no seu próprio destino. Na iconografia, normalmente, é figurada segurando no braço direito uma cornucópia, que representa a *Abundantia*, e na mão esquerda um remo/leme, o qual simboliza a capacidade desta divindade de guiar de modo diverso o destino dos homens que a propiciam através do cumprimento da *Pietas*. Deste modo, o remo/leme representa o acto de guiar, conduzir, de levar a bom termo, conotando-se assim às viagens e, através destas, ao comércio (Arya, 2002, p. 77). O remo/leme agora associado a Mercúrio, divindade tutelar dos mercadores e dos viajantes, e do lucro mercantil, pode pois fundamentar a conclusão de que este atributo pretende reforçar a ideia de boa condução e orientação, fazendo com que Mercúrio proteja e conduza prosperamente algum empreendimento local – se considerarmos como provável o carácter fundacional ou de abandono da fossa em que foi encontrado – ligado não só ao negócio mas, talvez prioritariamente, às viagens mercantis por via marítima.

Ora um dos epítetos de Fortuna, *Gubernatrix* (Arya, 2002, p. 78), surge aplicado a Mercúrio numa inscrição encontrada na Roménia na região da Oltânia, que na Antiguidade pertencia à província da *Moesia Superior*, proveniente provavelmente de um grande acampamento militar romano da Legião VII Cláudia Maximina, que na altura ocupava aquele território³. O dedicante dessa inscrição

³ As informações detalhadas sobre esta inscrição foram cedidas por Adrian Gheorghe e o por Dorel Bondoc, investigadores romenos ligados ao projecto Alexis que efectua estudos arqueológicos na região de Cioroi Nou (<http://alexisphoenix.org/romaniaalexis.php>).

era um legionário que tinha a função de batedor (*speculator*) e consagrou-a no séc. III d.C. às entidades pertinentes no desempenho da sua tarefa: à deusa Diana, divindade da floresta e dos seres selvagens; a Mercúrio *Gubernator*; e ao Génio da *statio*. (a seguir entra a fig. 5 ex-6)

[---Dia]nae san[c]/[ta]e Mercurio g[u]/bernatori e[Genio] /
stationis, A[ur(elius)(?) Ger]/manus spe[cul(ator) leg(ionis)] / VII Cl(audiae)
Ma[ximiana]e / [---] / pr[idie] n[onas] S[eptember] an[imo libens (?)] / [---]

IDR II, 141 (Florescu e Petolescu, 1977)
(Heidelberg Epigraphische Datenbank)
(Alexis Project)
(Searchable Greek Inscriptions)

«... a Diana santa, a Mercúrio timoneiro e ao Génio da *statio*, *Aurelius* (?) *Germanus*, batedor da Legião VII Cláudia Maximiana, ... na véspera das Nonas de Setembro, de bom grado (?)...»

Não traduzimos a palavra *statio* referente ao génio do lugar cultuado por *Germanus*, pois *statio* possui vários conteúdos semânticos: «morada», «residência», mas também «posto militar», «guarnição», «des-tacamento» – ou ainda, «ancoradouro», «porto», «estação naval». Nesta última acepção, recordamos que, embora o referido acampamento da Legião VII Cláudia se localize bem no interior da *Moesia*, na *Superior*, implanta-se porém a escassos 20Km a Norte do rio Danúbio, navegável ainda nos nossos dias até à Alemanha⁴.

Propomos, então, que o eventual epíteto que melhor poderia caracterizar a divindade representada na estatueta da Quinta de São João (Arrentela) fosse o de *Gubernator*. *Mercurius Gubernator*, o que vai ao leme, timoneiro, dirigindo o destino dos homens nas suas viagens mercantis. Pode-



Fig. 5 – Desenho da inscrição consagrada a Diana e a Mercúrio *Gubernator* encontrada na Roménia. Decalque cedido pelos arqueólogos Adrian Gheorghe e Dorel Bondoc.

⁴ Inscrição interpretada e traduzida com a orientação de Cardim Ribeiro.

mos pois relacionar o presumível remo/leme de Mercúrio com o meio aquático que enquadra a implantação geográfica deste sítio arqueológico, voltado para o grande esteiro do Tejo, usado como principal via comercial de toda esta região – e como ponto de partida e de chegada de múltiplas rotas marítimas. Qualquer culto religioso está intimamente ligado ao sistema político e económico da respectiva sociedade (Osborne, 2004, p. 7). Portanto, esta figura sugere a intenção de associar a divindade ao meio aquático e reforçar, deste modo, o carácter intrínseco ligado à circulação marítima e fluvial, e ao contexto económico-social da época.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, p. (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid; Murcia: Universidad Complutense.
- ALARCÃO, J. (1974) – *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo.
- ATLAS Antroponímico de la Lusitania Romana (2003). Mérida: Grupo Mérida. = A.A.L.R.
- GHEORGHE A. – *Alexis Project* [Em linha] Oltenia: Alexis Project Team [Consult. 2008]. Disponível em <http://alexisphoenix.org/romaniaalexis.php>
- ARYA, D. A. (2002) – *The Goddess Fortuna In Imperial Rome: Cult, Art, Text*. Austin, Texas: The University of Texas at Austin.
- BARATA, M. F. (1999) -As habitações de Miróbriga e os ritos domésticos romanos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2: 2, p. 51 – 67.
- BARATTA, G. (2001) – *Il Culto di Mercurio nella Penisola Iberica*. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- BOUCHER, S. (1976) – *Recherches sur les Bronzes Figurés de Gaule Pré-Romaine et Romaine*. Roma: École Française de Rome.
- CARDOSO, G. (2002) – Práticas Mágicas na Villa Romana de Freiria. In RIBEIRO, J. Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 265-267
- COMBET-FARNOUX, B. (1980) – *Mercurus Romain. Le Culte Public de Mercure et la Fonction Mercantile à Rome de la République Archaique à L'Époque Augustéenne*. Rome: École Française de Rome Palais Farnèse.
- COMBET-FARNOUX, B. (1981) – *Mercurus romain, les «Mercuriales» et l'institution du culte impérial sous le Principat augustéen*. In HAASE, W., ed. – *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung*. Berlin: Walter de Gruyter. Vols. Principat II – 17.1, p. 457-501.
- CUNHA, R. (1642) – *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manoel da Sylva, ed. Vol. 1.
- ÉTIENNE, R. (1949) A. Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para história de Lisboa Romana)*. Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1944; in 8.º, 331 pages, 4 pl. phot, 1 carte. *Revue des Études Anciennes*. Bordeaux. LI, p.192-194.
- ÉTIENNE, R. (1958) – *Le culte impérial dans la Péninsule Ibérique d' Auguste à Dioclétien*. Paris: De Boccard. (Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome; 191).
- FLORESCU, G.; PETOLESCU, C., eds. (1977) – *Inscripțiile Daciei Romane = Inscriptiones Daciae Romanae*. Bucharest, Romania: Oltenia și Muntenia. Vol. II
- FRAGOSO, S. (2006) – *Relatório de intervenção e caracterização estrutural e de superfície da escultura em liga cobre – Escultura Romana de Mercúrio da coleção do Ecomuseu Municipal do Seixal*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: ERA-Arqueologia, S.A.
- HEIDELBERG *Epigraphische Datenbank* [Em linha] Heidelberg: Research Center of the Heidelberg Academy of Sciences. [Consult. 2008]. Disponível em <http://www.uni-heidelberg.de/institute/fak8/sag/edh/index.html>
- HÜBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Academiae Litterarum Regiae Burussicae. Vol. II. CIL II.
- KAJANTO, I. (1982) – *The Latin Cognomina*. Roma: G. Bretschneider Editore.
- LEXICON *Iconographicum Mythologiae Classicae* (1992). Zürich; München: Artemis Verlag. Vols. V – VI. = LIMC.
- MANTAS, V. (2002) – O Mundo Religioso dos Viajantes e Comerciantes. In RIBEIRO, J. Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 157-162.
- OSBORNE, R. (2004) – Hoards, votives, offerings: the archaeology of the dedicated object. *World Archaeology. The Object of Dedication*. Vol. 36: 1, p. 1-10. [s.l.].

PINTO, A. J. (2002). *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

PINTO, A. J. (2007) – Reflexos da religião romana na iconografia em bronze e na epigrafia. *Sautuola*, Santander. XIII, p.555-575.

RAPOSO, J. (2007) – Uma divindade no acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal. *Ecomuseu Informação*. Seixal. 44, pp. 12-14.

SEARCHABLE Greek Inscriptions. [Em linha] [Consultado em 20/11/2008]. Disponível em <http://epigraphy.packhum.org/inscriptions//main?url=gjs%3Fregion%3D5>

SILVA, A. V. (1944). *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.